

O modelo WITTGENSTEIN de verdade apodítica: linguagem ideal “versus” linguagem ordinária?

Ubiracy de Souza Braga(*)

RESUMO

Analizamos no presente texto o modelo Wittgenstein (1889-1951) de análise da linguagem. Tomado como hipótese teórica no campo da comunicação, do poder e da linguagem, desde o *Tractatus* (1921) até as *Philosophische Untersuchungen* ou *Philosophical Investigations* (1945), sua obra pode ser assimilada a uma meditação em espiral sobre o status teórico e epistemológico da filosofia em sua relação com a linguagem. Sua meta-filosofia prescinde da reflexão metodológica acerca da lingüística, da teoria da linguagem, dos sentidos do termo “teoria” e mesmo de qualquer “ciência” da linguagem. Detém um método de crítica analítica do mecanismo do discurso filosófico. Seu instrumental conceitual sugere possíveis aplicações no contexto da linguagem relativa à descrição das atividades sociais ou culturais. Tal modelo representa um corte com o lugar de análise. O privilégio filosófico ou científico perde-se no ordinário. Essa perda tem como corolário a invalidação das verdades. Sua análise põe à mostra os vazios que minam a linguagem, e ela destrói os enunciados que pretendem preenchê-los.

ABSTRAC

We analyzed in the present text the model Wittgenstein (1889-1951) of analysis of the language. Taken as theoretical hypothesis in the field of the communication, of the power and of the language, from *Tractatus* (1921) until *Philosophische Untersuchungen* or *Philosophical Investigations* (1945), its work can be assimilated to a meditation in spiral on the theoretical status and of the epistemology in philosophy in its relationship with the language. Its goal-philosophy does without of the methodological

reflection concerning the linguistics, of the theory of the language, of the senses of the term “ theory “ and even of any “ science “ of the language. It stops a method of analytic critic of the mechanism of the philosophical speech. Its instrumental one conceptual he/she suggests possible applications in the context of the relative language to the description of the social or cultural activities. Such a model represents a court with the analysis place. The philosophical or scientific privilege gets lost in the ordinary. That loss has as corollary the invalidation of the truths. Its analysis puts to the exhibition the emptiness that mine the language, and she destroys the statements that intend to fill them.

Palavras-chave: língua; linguagem ordinária; poder; conhecimento; filosofia da linguagem.

Keywords: language; ordinary language; power; knowledge; philosophy of the language.

“O método correto da Filosofia seria o seguinte: só dizer o que pode ser dito...”

Ludwig Wittgenstein, 1921.

1 - Breviário de uma biografia intelectual.

Como indica seu nome Ludwig Wittgenstein (1889-1951) não era inglês por nascimento ou comportamento social, ainda que ao morrer tenha levado consigo a nacionalidade inglesa. Filho caçula de uma família vienense rica e culturalmente refinada, de ascendência judaica, teve tal como Weber, em família, um centro de vida artística, mas não política, e, em particular, a música do classicismo vienense e na literatura a influência de Goethe, formando um ambiente que mais tarde ele denominaria o seu “bom treinamento intelectual pré-escolar”. Viena na virada para 20 viveu momentos e circunstâncias díspares de decadência e inovação, unidade e multiplicidade, cosmopolitismo e provincianismo, propiciando o florescimento de surto de criatividade tal que a vida cultural e política posterior seria marcada por seus traços de gênio e de bom humor, culpa e redenção, angústia e beleza. *Viena Fin-de-Siècle* mostra onde, quando e como se fabricou a *modernidade*. Paradigmáticos foram o salão da musa Alma Malher, Gustav Mahler, Kokoschka, Klimt, Gropius e Werfel, Hofmannsthal e Schnitzler, e o café *Central* onde se cruzavam Freud, Mazarik, Trotski, Bauer, o reacionário Lueger. Wittgenstein, Schoenberg e Schiele, Loos e Otto Wagner, por sua vez discutiam avanços da matemática à estética¹.

Do ângulo da cultura aparentemente Wittgenstein foi um conservador, se entendermos como descompasso seu pensamento com o “espírito da corrente dominante na civilização européia e americana”. Politicamente falando, detestava o pacifismo e o socialismo humanista de Russell, e, ao mesmo tempo, simpatizava com a esquerda radical dos anos trinta e quarenta, talvez por influência de Sraffa. Sua imensa paixão intelectual e

¹ Cf. Carl E. Schorske, *Viena-fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Ver também Françoise Xenakis, *Ih, esqueceram Mme. Freud*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

O Modelo Wittgenstein de Verdade Apodítica: Linguagem Ideal “versus” Linguagem Ordinária?

sua honestidade o impediram, contudo, de “pecar” por nostalgia ou provincianismo, o que o fez reagir de modo incisivo a certas idéias da modernidade. Isso fica claro, como sabemos, a partir das influências mais diretas sobre seu pensamento, por ele mesmo enumeradas em 1931: Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Splenger, Sraffa. Aqueles que foram relevantes para a fase inicial de sua filosofia podem ser tipificados, segundo Glock² em três grupos: os *sábios*, os *cientistas-filósofos* e os *lógicos-filósofos*. Eis alguns destes, caracterizados resumidamente.

Os *sábios* eram pensadores de fora do ambiente filosófico acadêmico cuja obra Wittgenstein lera ainda bem moço, como Karl Kraus, o feroz crítico da cultura e da linguagem do final do Império Habsburgo que causou-lhe forte impressão, por sua insistência na integridade pessoal. A obra de Kraus inseria-se no contexto da chamada “crise da linguagem”, quando a preocupação geral era a autenticidade da expressão simbólica na arte e na vida pública. Outra expressão dessa crise foi a *crítica da linguagem* de Mauthner, autor que perseguiu uma meta kantiana, a derrota da especulação metafísica. Mauthner substituiu, entretanto, a crítica da razão por uma crítica da linguagem, sendo sua obra, afinal, mais tributária de Hume e de Mach. Seu método era psicologista e historicista: a crítica da linguagem faz parte da psicologia social. O conteúdo da crítica era empirista - a linguagem funda-se nas sensações. Seu resultado foi cético - a razão idêntica à linguagem, mas esta última não serve para penetrar a realidade. Wittgenstein, acertadamente, opõe sua própria “crítica [lógica] da linguagem” à de Mauthner, que foi, contudo *quem primeiro identificou a filosofia com a crítica da linguagem*.

De Weininger, autor do célebre *Sexo e Caráter* (*Sex and Character*) pode-se dizer que era mais um psicopata do que propriamente um sábio. Seu suicídio, encenado teatralmente em 1903, foi imitado por vários jovens em Viena, e a influência benigna que exerceu sobre Wittgenstein foi restrita. Contaminou-o com sua misoginia e com dúvidas, igualmente tolas e perniciosas, quanto ao poder criativo dos judeus, mas talvez como Theodor Herzl que vislumbrava o Estado judeu, temendo o anti-semitismo ainda existente em Viena. A influência mais importante, reside, entretanto, na idéia de que o indivíduo tem o dever moral para consigo

mesmo de lutar pelo gênio, pelo amor intelectual da verdade e da clareza. A lógica e a ética são, a rigor, idênticas, “são apenas o dever para consigo mesmo”. Isso nos explica tanto o vínculo estreito entre lógica e ética que se estabelece no *Tractatus* (1921), primeira obra de Wittgenstein, quanto a visão constante de que os erros filosóficos são sinais de falha de caráter. Mais tarde, quando redigiu as suas idéias acerca da ética na forma de uma conferência, ele cuidou de esclarecer aos seus ouvintes que a ética seria uma *disciplina*, que trataria de investigar o sentido da vida e de descobrir a maneira correta de viver³.

A primeira posição *genuinamente filosófica* adotada por Wittgenstein decorreu do contato com o idealismo transcendental de Schopenhauer, na medida em que este pensador partiu da distinção kantiana entre o mundo numênico, o mundo tal como é em si mesmo, e o mundo fenomênico, o mundo tal como aparece. “O mundo é minha representação”, isto é, aquilo que aparece ao sujeito cognoscente. É governado por traços estruturais (espaço, tempo, causalidade) que sobre ele são impostos por esse sujeito. Mas o mundo como representação é uma manifestação de uma realidade subjacente, o mundo como uma vontade cósmica. Schopenhauer fundou também uma espécie de antintelectualismo, em que enfatizava o papel da vontade sobre o intelecto, influenciando, entre outros filósofos, Nietzsche e Wittgenstein. Além disso, o idealismo de Schopenhauer desliza com facilidade para o solipsismo, uma tentativa filosófica que Wittgenstein mais tarde vem a combater. Por fim, Schopenhauer alçou a noção de *consciência*, contribuindo, dessa forma, para o interesse de Wittgenstein pela *representação lingüística*. Essa posição filosófica adotada por Wittgenstein só será abandonada sob a influência do realismo conceitual de Frege e Russell porque *inventaram a lógica formal moderna*, alterando, com isso, o panorama da filosofia do século 20.

De todo modo, antes disso, o interesse de Wittgenstein pela *representação lingüística* foi reforçado por Hertz e Boltzmann. Ambos faziam parte de uma tradição neokantiana de *cientistas-filósofos*, que refletiram sobre a natureza da ciência e buscaram expurgá-la de elementos obscuros e metafísicos. Em *Os Princípios da Mecânica*, Hertz estabeleceu uma distinção rigorosa entre os

2 Hans-Johann Glock, *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, pp. 21 e ss., passim.

3 Rudolf Haller, “A Ética no Pensamento de Wittgenstein”. Conferência apresentada no IEA/USP em 28 de novembro de 1990. Revista *Estudos Avançados*, volume 5 no. 11, janeiro/abril de 1991, pp.45-46. “Essa determinação, que Wittgenstein extrai dos *Princípios Éticos* de George Edward Moore, está *grosso modo* em consonância com o que apareceu sob essa denominação na história da filosofia”. Idem Ibidem, p. 45.

elementos empíricos e os elementos a priori da mecânica. Elucidou a possibilidade de explicação científica com base na natureza da *representação*. A ciência constrói modelos (*Bilder*) da realidade, de tal modo que as conseqüências lógicas de tais modelos correspondam às conseqüências reais das situações externas que descrevem. Suas teorias não são predeterminadas pela experiência, mas antes construídas de forma ativa, respeitando-se restrições formais e pragmáticas, às quais Hertz se referia como “as leis do pensamento”. Ele requereu da ciência evitar pseudoproblemas pela apresentação desses elementos apriorísticos de modo claro e perspícuo.

Boltzmann foi mais hostil a Kant. Acusou-o, em um espírito darwiniano, de não levar em conta o fato de que as “leis do pensamento” não são imutáveis, mas apenas inatas no indivíduo, resultantes da “experiência da espécie”. Levou adiante, contudo, o projeto hertziano de esclarecer a ciência com base em modelos que não se originam da experiência, conservando a visão de que a confusão filosófica deve ser resolvida pela revelação da natureza absurda de certas questões. Estes autores exerceram influência sobre a teoria pictórica do *Tractatus*, e também sobre a discussão que ali se encontra acerca da ciência. E mais ainda, reforçaram uma concepção kantiana sobre a tarefa da filosofia, que Wittgenstein encontrara também em Schopenhauer: distinguindo-se da ciência, a filosofia não descreve a realidade; sua tarefa é crítica. O plano inicial de Wittgenstein de estudar com Boltzmann, em Viena, foi frustrado pelo suicídio deste último em 1906. Ele foi, então, encaminhado a Berlim para estudar engenharia. Não tardou, entretanto, a ver-se atraído por problemas filosóficos, dando início ao hábito, que duraria por toda a vida, de *anotar suas reflexões filosóficas em apontamentos datados em cadernos*. Em 1908, mudou-se para Manchester, onde desenvolveu interesse primeiro pela matemática pura, e logo por seus fundamentos filosóficos. Conheceu os escritos de Frege e Russell e, em 1909, tentou resolver o maior problema então em destaque - a contradição que Russell descobrira no sistema de Frege. Em 1911, traçou um plano para um trabalho filosófico, o qual discutiu com Frege. A

conselho deste, foi para Cambridge estudar com Russell, que a esta altura tornara-se a figura central destes debates. Isto foi decisivo na vida de Wittgenstein. Frege e Russell proporcionaram o pano de fundo essencial para sua “primeira filosofia”, bem como alvos importantes de seu pensamento posterior. Enfim, para sermos breves, o sistema lógico dos *Princípios Matemáticos*, de Russell e Whitehead, assim como os de Frege, faz uso da analogia entre a *estrutura de proposições* e *estruturas associadas* à teoria das funções presentes na análise matemática. Entretanto, a concepção que Russell tinha de função proposicional diferia da noção de conceito de Frege, no sentido de que seus valores não eram duas entidades lógicas, como o verdadeiro e o falso, mas sim *proposições*. Russell negou, por conseguinte, que as sentenças nomeiem valores de verdade. Repudiou, além disso, a distinção fregiana entre sentido e significado, juntamente com a suposição de que é possível a existência de proposições destituídas de valor de verdade.

Durante um curto espaço de tempo, Wittgenstein foi a estrela em ascensão em Cambridge, tendo sido membro de uma autoproclamada elite intelectual, “os Apóstolos”. Em 1913, entretanto, ele parte para a Noruega, com o objetivo de trabalhar sozinho em sua nova teoria da lógica. Com a deflagração da guerra de 1914-18, vai para Viena e se voluntaria ao serviço militar. Feito prisioneiro em 1918, arranhou um jeito de enviar o manuscrito a Cambridge. O apoio de Russell acabou por garantir sua publicação, em 1921, do que hoje se conhece como *Tractatus logico-philosophicus*, bem como de uma tradução inglesa um ano mais tarde⁴. Com o *Tractatus*, Wittgenstein acreditava ter resolvido todos os problemas fundamentais da filosofia. Isto o levou, após a sua publicação, provisoriamente a abandonar o tema. Ao retornar do cárcere, em 1919, doou a fortuna que herdara de seu pai com o objetivo de “romper com o passado”. Em 1920, abraçando uma “improvável vocação”, foi ser professor no *ensino fundamental* em uma área rural no interior da Áustria. Lá redigiu um dicionário de ortografia para uso em escolas primárias (*Wörterbuch für Volksschulen*). Não tardou, contudo, a ver-se em dificuldades e a desencantar-se. Em 1926, retornou a Viena.

4. De acordo com Hartnack, “depois da guerra publicou seu primeiro escrito, primeiro na revista austríaca *Annalen der Naturphilosophie* (1921), e depois como livro autônomo, intitulado *Tractatus logico-philosophicus* (1922). Esta primeira edição em forma de livro com um prólogo de Russel, era bilingüe, contudo Wittgenstein jamais se sentiu satisfeito com a versão inglesa de seu livro, que, em sua opinião, não era totalmente fiel a seu pensamento, nem tampouco com o prólogo de Russel”. Justus Hartnack, *Wittgenstein y la Filosofía Contemporánea*. Prólogo y traducción castelhana de Jacobo Muñoz. Barcelona: Editorial Ariel, 1977, p. 33. Conforme o autor, a recente publicação, aos cuidados de G. H. Von Wright, das cartas de Wittgenstein (L. W.: *Briefe an Ludwig von Ficker*, Otto Müller Verlag, Salzburg, 1969) permite pensar que Russel escreveu o prólogo por razões em certo sentido editoriais. Ver outras indicações da nota 2, pp. 33-35 (grifado no texto).

O Modelo Wittgenstein de Verdade Apodítica: Linguagem Ideal “versus” Linguagem Ordinária?

Wittgenstein jamais perdeu o contato com a filosofia. Em 1923, recebeu uma visita de F. P. Ramsey, um jovem e brilhante matemático de Cambridge, que tivera um papel crucial na *tradução* do *Tractatus*, e que foi, de seus leitores e críticos, o mais perspicaz. O principal projeto de Ramsey dizia respeito a reformulação dos fundamentos logicistas da matemática, com base na nova filosofia da lógica de Wittgenstein. Em visitas subseqüentes e na correspondência, Wittgenstein manifestou-se contrário não somente a alguns detalhes da reconstrução de Ramsey, como também ao próprio projeto de fundamentação da matemática. Em 1929, ele retornou a Cambridge, instigado por Ramsey, com quem teve profícuas discussões até a morte precoce deste em 1930. Reiniciou seu hábito de anotar reflexões filosóficas e submeteu o *Tractatus* como tese de doutorado - dizendo aos membros de sua banca examinadora, Russell e Moore: “Não se preocupem, vocês jamais o entenderão”. Com o apoio de ambos, ganhou uma bolsa de pesquisa em 1930. Começou, além disso, a ministrar seus célebres cursos-palestras.

Nesse meio tempo, o *Tractatus* granjeou a atenção do Círculo de Viena, um grupo de filósofos de orientação cientificista, liderados por Moritz Schlick. A obra foi vista por alguns deles como Schlick, Carnap, Waismann, como um marco decisivo na história da filosofia. A compreensão que tiveram dela foi, contudo, apenas parcial. Empiristas convictos que eram, acolheram bem a idéia de que as proposições necessárias são analíticas, e que não expressam, portanto, conhecimento acerca da realidade. Distinguindo-se de versões anteriores do empirismo (Mill, Mach), essa visão contempla sua noção de necessidade, evitando ao mesmo tempo o platonismo e a noção kantiana de verdades sintéticas a priori. Distinguindo-se de Wittgenstein, trataram como tautologias não apenas as proposições lógicas, mas também as equações aritméticas. E, enquanto para o *Tractatus* as regras da sintaxe lógica refletem a essência da realidade, o Círculo de Viena as via como convenções arbitrárias que governam o uso dos signos. Schlick estabeleceu um contato com Wittgenstein, que não participava dos encontros semanais do Círculo, mas reunia-se com um

pequeno grupo selecionado de seus membros (Schlick, Waismann e, inicialmente, Carnap e Feigl). Essas discussões, juntamente com o *Tractatus*, exerceram influências decisivas no desenvolvimento do *positivismo lógico* no período entre guerras e encontram-se registradas em *Wittgenstein and the Viena Circle*. Waismann foi incubido de escrever um livro - *Logik, Sprache, Philosophie* - que apresentasse uma explicação acessível para o *Tractatus*. Entretanto, uma vez que Wittgenstein rapidamente abandona as doutrinas que inicialmente sustentou, o livro acabou por se transformar em uma exposição das visões que ele desenvolvera no início da década de 1930. Por conta da tensão daí decorrente, romperam relações em 1934, e o livro só veio a ser publicado em 1965 em inglês, *The Principles of Linguistic Philosophy*. Por ocasião desses encontros, e isto é importante para nós, Wittgenstein desenvolveu o hoje célebre *princípio de verificação*, segundo o qual *o significado de uma proposição é seu método de verificação*⁵.

De suas aulas ministradas na década de 1930, pode-se dizer que desprende-se idéias expostas no *Tractatus*, um dos grandes clássicos da filosofia, sendo a única obra filosófica que Wittgenstein publicou em vida. Em sua morte deixou um manuscrito com um título talvez provisório *Philosophische Untersuchungen (Investigações Filosóficas)* - traduzido pouco depois para o inglês e publicado como o *Tractatus*, na edição bilingüe inglesa-alemã. *Estas Philosophische Untersuchungen* ou *Philosophical Investigations*, como é o título de sua versão inglesa, equivalem, para Hartnack e muitos outros, em boa medida, a uma “ruptura” com o *Tractatus*⁶. Na primeira edição da versão das *Investigações Filosóficas*, considera-se que a primeira parte deste volume estava pronta desde 1945, sendo que a segunda parte surgiu entre 1947 e 1949⁷.

Em 1939 ascendeu a cátedra que Moore havia deixado vaga. Durante algum tempo prestou seus serviços como vigilante em um hospital de Londres; mais tarde incorporou-se a um laboratório médico em Newcastle. Os últimos anos de guerra passou-os em Cambridge. Finda a contenda, manteve-se apenas dois anos mais na docência. Em 1947, aos 58 anos de idade decidiu

⁵ Cf. Hans-Johann Glock, *Dicionário Wittgenstein*. Ob. cit., pp. 22-23; 28-29.

⁶ “Alguns leitores viram no trabalho que Wittgenstein desenvolveu após a Parte I das *Investigações* uma fase distinta em sua obra. Ainda assim, tais reflexões jamais contradizem de forma substancial o trabalho anterior, mas, ao contrário, complementam-se e o estendem a novas áreas, tais como a da percepção de aspectos”. Id. Ib. p. 36. No Brasil, Arley R. Moreno, *Wittgenstein - ensaio introdutório*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, s.d., com o qual concordamos, também admite continuidade de pensamento, negada por muitos que freqüentemente estabeleceram rupturas e mesmo contradição entre uma obra e outra. Trata-se, isto sim, de um sistema *in statu nascendi* e que permite um distanciamento progressivo para noções conceituais referentes à linguagem.

⁷ Ver “Nota dos Editores Ingleses”, G. E. M. Anscombe e R. Rhees In: Wittgenstein, Ludwig, *Investigações Filosóficas*. São Paulo (Os Pensadores): Abril Cultural. 1ª Edição, 1975.

retirar-se. Wittgenstein resistia, de certo modo, ao exercício profissional da filosofia; mais que isso, cabe inclusive afirmar que a repugnava. E não porque fosse excessivamente difícil ou tedioso, senão por razões morais. Na atividade de *catedrático* via um perigo para a integridade intelectual do pensador. Daí podemos inferir, e que sabemos ao certo, é que Wittgenstein resistia a considerar-se professor de filosofia e que em 1947 pediu e obteve sua licença do cargo. A partir deste ano refugiava-se periodicamente na costa ocidental da Irlanda, ocupando uma choupana; a última hora chegou a transferir-se a um hotel em Dublin. Uma vez conhecido seu diagnóstico médico cancerígeno (mas negou-se a ser operado), retornou a Cambridge onde morreu a 29 de abril de 1951, aos três dias de haver completado os 62 anos. Suas últimas palavras foram as seguintes: “Diga a eles que tive uma vida maravilhosa!”. Esse seria um comentário surpreendente se referido a sua *vida pessoal*, marcada pelo silêncio, sofrimento e mesmo pela auto-obsessão.

2 - Verdade Apodítica e Filosofia da Linguagem.

“...Na linguagem onde vive, esta palavra é de fato sempre assim usada?”

Ludwig Wittgenstein, 1945.

Como a matemática havia inspirado Platão a inventar o “pensamento filosófico”, da mesma forma o ideário da modernidade “inspira” determinados filósofos a voltarem-se para a lógica matemática. As figuras paradigmáticas nessa tentativa de recapturar o espírito matemático foram Husserl e Russell. Husserl via a filosofia como aprisionada entre o “naturalismo” e o “historicismo”, nenhum dos quais oferecia o tipo de “verdades apodíticas” que Kant havia assegurado aos filósofos seus direitos inatos. Russell juntou-se a Husserl na denúncia do psicologismo que havia infectado a filosofia da matemática, e anunciou que a lógica era a

essência da filosofia. Levados pela necessidade de encontrar algo a respeito do que serem *apodíticos*, Russell descobriu a “forma lógica” e Husserl descobriu as essências, os aspectos “puramente formais” do mundo que permaneceram quando os não-formais foram “colocados entre parênteses”. A distinção entre o necessário e o contingente - revitalizada por Russell e o Círculo de Viena como a distinção entre o “verdadeiro em virtude de seu significado” e “verdadeiro em virtude da experiência” - havia geralmente passado aparentemente sem ser desafiada, e havia formado o último denominador comum da análise da “linguagem ideal” e da “linguagem ordinária”⁸. Essas dúvidas só chegaram ao auge no início dos anos 1950, com o aparecimento de *Philosophische Untersuchungen* ou *Philosophical Investigations*, como é o título de sua versão inglesa e publicado como o *Tractatus*, na edição bilingüe inglesa-alemã. Por quê?

Desde o *Tractatus* até seus últimos apontamentos sobre o problema da certeza, a obra de Wittgenstein pode ser, sem dúvida, assimilada a uma meditação em espiral sobre o *status* teórico e epistemológico da filosofia em sua relação com a linguagem. E isto já se apresenta quando o próprio Wittgenstein afirma que teve “a oportunidade de reler seu primeiro livro e de esclarecer seus pensamentos ratificando seus velhos pensamento e os novos, pois estes poderiam ser verdadeiramente compreendidos por sua oposição ao seu velho modo de pensar, tendo-o, contudo como pano de fundo”⁹. Esta questão aparece inicialmente quando ele retoma Santo Agostinho, nas *Confissões* afirmando que o filósofo descreve o aprendizado da língua humana, no exemplo de uma criança, como se a criança chegasse a um país estrangeiro e não compreendesse a língua desse país; isto é, como se ela já tivesse uma linguagem, só que não essa. Ou também: como se a criança já pudesse *pensar*, e apenas não pudesse falar. E “pensar” significaria aqui qualquer coisa como: falar consigo mesmo.

Neste sentido, Wittgenstein é um *meta-filósofo*. Sua *meta-filosofia*, não obstante, se resolve em uma “filosofia da linguagem”? Isto porque este pensador, em certo sentido, não teve que recorrer a uma reflexão metodológica acerca da lingüística e menos ainda a uma teoria da linguagem

⁸ A idéia de “representações privilegiadas” utilizada por Rorty ajudam-nos a refletir sobre tipos de representações a partir da obra de Wittgenstein, embora o autor distancie-se desta argumentação. Cf. Richard Rorty, *A Filosofia e o espelho da natureza*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, pp. 171-178, passim. “A descoberta dessas representações privilegiadas deu início mais uma vez a uma busca por seriedade, pureza e rigor, uma busca que durou cerca de quarenta anos”, p. 173.

⁹ Ludwig Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*. 2. Ed.-São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores), “Prefácio”, p. 8; Ludwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico/Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, “Prólogo”, p. 166.

O Modelo Wittgenstein de Verdade Apodítica: Linguagem Ideal “versus” Linguagem Ordinária?

em nenhum dos sentidos do termo “teoria” nem uma reelaboração de qualquer “ciência” da linguagem. Assim, ao identificar-se basicamente como uma prática de análise crítica cuja matéria não é outra que a própria filosofia enquanto condicionada por seu suporte - a linguagem -, a *filosofia* wittgensteniana detém um *método de crítica analítica* do mecanismo do discurso filosófico e protagoniza, a um tempo, uma das etapas mais características da “crise de identidade”, na falta de melhor expressão, da filosofia contemporânea.

Melhor dizendo, de acordo com Michel de Certeau¹⁰,

“O que fascina na empreitada deste Hércules, faxineiro das estrebarias de Áugias da intelectualidade contemporânea, não são em primeiro lugar os seus procedimentos de restrição, efeitos da exata paixão que ele coloca a serviço de um pudor na análise da linguagem ‘de cada dia’ (este everyday substituído graças ao enfoque lingüístico pelo Everyman da ética renascente, mas portador da mesma questão); é, de modo mais fundamental, a maneira como, para retomar a sua expressão, Wittgenstein traça ‘do lado de dentro’ desta linguagem os limites daquilo que, ético ou místico, a ultrapassa. É exclusivamente do lado de dentro que ele reconhece um fora em si mesmo indizível. Seu trabalho efetua portanto uma dupla erosão: aquela que, de dentro da linguagem ordinária, mostra esses limites; aquela que denuncia o caráter irreceptível (o nonsense) de toda sentença que tenta uma saída para ‘aquilo que não se pode dizer’. A análise põe à mostra os vazios que minam a linguagem, e ela destrói os enunciados que pretendem preenchê-los. Ela trabalha com aquilo que mostra (zeigen) sem poder dizer (sagen)” (Certeau, 1994:69).

De outra parte, se as *Investigações Filosóficas* que ocuparam seus “últimos dezesseis anos”, o que não é pouco, jogam um papel fundamental para o entendimento de

representações e conceitos, moldando os conceitos de significação, de compreensão, de proposição, de lógica, aos fundamentos da matemática, aos estados de consciência, como consta em seu “Prefácio”, podemos inferir que a sociologia [do conhecimento] inspirada nestas páginas, consiste em adaptar, ou, às vezes, transpor indicações do modo de pensar, inicialmente relacionadas com as questões da linguagem para o plano da análise social. O instrumental sustentado nos conceitos de “jogos de linguagem”, “regras”, “significação”, “seguir regras”, “dar ordens”, “forma de vida” e tantos outros¹¹, sugerem possíveis aplicações no contexto da linguagem relativa à descrição das atividades sociais ou culturais constituindo-se primícias em relacionar a filosofia de Wittgenstein com a ciências sociais desde Peter Winch, Hanna Fenichel-Pitkin, Anthony Giddens, Derek Phillips¹², entre outros.

Não estamos longe de admitir que o conceito “seguir regras” (ou, “dar ordens”) que é uma expressão verbal indicativa de uma realização onde há uma diferença entre crer que se está seguindo uma regra e estar de fato seguindo-a¹³ foi *magistralmente* utilizado por Hannah Arendt¹⁴, posto que, o *segredo*, também estudado pelo genial Simmel, tinha uma finalidade prática. Aqueles que eram informados explicitamente da ordem do Führer não eram mais ‘portadores de ordens’, mas progrediam ao grau de ‘portadores de segredos’ e tinham de fazer um *juramento especial*. Além disso,

“toda correspondência referente ao assunto {exterminio físico de judeus} ficava sujeita a rígidas ‘regras de linguagem’, e, exceto nos relatórios dos Einsatzgruppen, é raro encontrar documentos em que ocorram palavras ousadas como ‘exterminio’, ‘eliminação’, ou ‘assassinato’. Os codinomes prescritos para o assassinato eram ‘solução final’, ‘evacuação’ (Aussiedlung), e ‘tratamento especial’ (Sonderbehandlung); a deportação - a menos que envolvesse judeus enviados para Theresienstadt, o ‘gueto dos velhos’ para judeus privilegiados, caso em que se usava ‘mudança de residência’ - recebia os nomes de ‘reassentamento’ (Umsiedlung) e ‘trabalho

10 Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

11 Cf. Hans-Johann Glock, *Dicionário Wittgenstein*. Ob. cit., pp. 39-383.

12 Ver a descrição de alguns aspectos dessas aplicações em Michel Thiollent, “Técnica, Linguagem e Formas de Vida. Pesquisa Cognitiva e Engenharia de Conhecimento”. Rio de Janeiro: Pesquisa CNPq/PADCT/COPPE/UFRJ, 1984; Michel Thiollent, “Notas sobre Wittgenstein e a Sociologia Contemporânea”. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1987. Não sei se esses textos foram publicados. De modo geral, a universidade brasileira é *não pública* para a publicação de textos.

13 Hans-Johann Glock, p. 313.

14 Hannah Arendt, *Eichmann em Jerusalem. Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 (Edição original: *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*, 1963).

no Leste' (Arbeitseinsatz im Osten), sendo que o uso destes últimos nomes prendia-se ao fato de os judeus serem de fato muitas vezes reassentados temporariamente em guetos, onde certa porcentagem deles era temporariamente usada para trabalhos forçados" (Arendt, 1999:100).

Esta *estrutura* se mostra, simplesmente, como repetimos na linguagem. E se mostra porque, a forma lógica da linguagem e do mundo é a mesma. Daí que Wittgenstein assinala a linguagem (a sua linguagem), constituída pela soma de todas as proposições verdadeiras, não é, em definitivo, senão a linguagem modelar da ciência. Porque como pode-se supor, essas proposições “significativas” e “verdadeiras” são as genuínas proposições científicas. Entre o *Tractatus* e as *Investigações Filosóficas* costuma-se situar, como vimos anteriormente, um hiato que alguns autores tem comparado, por exemplo, com o que a propósito de Nietzsche se abre entre *O Nascimento da Tragédia* e *Humano demasiado Humano*. Surge, em certo sentido, uma “descontinuidade” perfeitamente tipificada em certos pontos centrais, embora este hiato não impeça que a obra inteira de Wittgenstein perca sua unidade temática. Os grandes temas erigidos no *Tractatus* - a filosofia e a linguagem - dão coerência, por assim dizer a singular meditação dialógica de suas últimas décadas. *É chato repetir que a invenção precisa uma grande margem de indefinição.*

Sua filosofia é no essencial concebida como atividade crítico-analítica da linguagem. Só que a análise lingüística como condição de possibilidade da justa “visão de mundo” se centra na realização de um “programa terapêutico”¹⁵. Mediante a mera descrição da linguagem cotidiana em sua diversidade de funcionamento, dissolvem-se os (pseudo) problemas filosóficos recompondo a distorcida maquinaria lógico-formal da linguagem e retrocedendo as palavras de uso metafísico a seu uso cotidiano, ou, como afirma Certeau, “linguagem ordinária”, como veremos adiante. O “descricionismo” Wittgensteiniano procura, desta forma, um coerente e incisivo conjunto de apreciações acerca do fenômeno lingüístico entendido recorrentemente com

o que costuma-se chamar ou qualificar de “teoria”. A palavra “teoria”, já contém na sua raiz uma imagem, pois, “teoria”, na sua etimologia, significa “vista”, que vem do grego *theorein*: “ver, olhar, contemplar ou mirar”.

Sabemos que Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas* sustenta um método de crítica ao mecanismo do discurso, onde, segundo Certeau, “raras vezes a realidade da linguagem foi tão rigorosamente levada a sério”. Para Wittgenstein, não há *um* método da filosofia, mas sim *métodos*, como que diferentes terapias. Seu objetivo metodológico é demonstrar um “método por exemplos”. Em verdade quer o autor,

“estabelecer uma ordem no nosso conhecimento do uso da linguagem: uma ordem para uma finalidade determinada; uma ordem dentre as muitas possíveis; não a ordem. Com esta finalidade, salientaremos constantemente diferenças que nossas formas habituais de linguagem facilmente não deixam perceber. Isto poderia dar a aparência de que considerássemos como nossa tarefa reformar a linguagem. Mas esses não são os casos com quem temos algo a ver”(...) Uma tal reforma para determinadas finalidades práticas, o aperfeiçoamento da nossa terminologia para evitar mal-entendidos no uso prático, é bem possível. Mas esses não são os casos com que temos algo a ver. As confusões com as quais nos ocupamos nascem quando a linguagem, por assim dizer, caminha no vazio, não quando trabalha” (Wittgenstein, 1979:57; 1987:264).

Em seu método, o *pensamento*, a *linguagem*, aparecem como o único correlato, a única imagem do mundo. Os conceitos: *proposição* (“as proposições são compostas de função e argumento”; “uma proposição é uma função das expressões nelas contidas”; “uma proposição é ‘logicamente articulada’; a “união proposicional” reside também nas proposições serem fatos”), *linguagem* (neste caso, “argumento da linguagem privada”, que quer

¹⁵ Rorty afirma o seguinte: “O livro, assim como os escritos dos filósofos que mais admiro, é antes terapêutico que construtivo”. Richard Rorty, *A Filosofia e o Espelho da Natureza*. Ob. cit., p. 23.

O Modelo Wittgenstein de Verdade Apodítica: Linguagem Ideal “versus” Linguagem Ordinária?

referir-se à investigação da relação entre a “esfera mental” e o “comportamento”. Em termos estritos, refere-se a uma linha argumentativa que discute a idéia de uma “linguagem privada”. Essa linguagem não é um código pessoal, nem tampouco uma linguagem utilizada somente em monólogos, e nem mesmo uma linguagem falada por uma só pessoa. Não se trata de uma linguagem que não é compartilhada por uma questão de fato, mas sim de uma linguagem que, por princípio, não pode ser compartilhada ou ensinada, dado que suas palavras referem-se ao que só pode ser conhecido pelo falante, a saber, suas experiências privadas imediatas. Por outro lado, o argumento da “linguagem privada” realmente pressupõe a discussão sobre o que é “seguir uma regra” (cf. nosso exemplo acima em Hannah Arendt). Uma discussão sobre a coerência da noção de “linguagem privada” pressupõe uma concepção de linguagem, e Wittgenstein considera a *linguagem* como uma atividade guiada por regras gramaticais), *pensamento* (Wittgenstein associa a noção de “pensar” à de comportamento potencial, em vez de associá-la a ocorrências mentais reais. Em algumas passagens de seus escritos, ele chega ao ponto de questionar se o pensar constitui uma *atividade* mental. Neste sentido, o ataque de Wittgenstein à linguagem do pensamento ameaça um dos pilares da ciência *cognitiva* contemporânea), *mundo* (como o mundo é, quais são os fatos, são coisas que não podem ter valor algum, sendo parte do problema da vida, não da solução. Wittgenstein nem desenvolve nem critica o misticismo. Em contraposição, muitos de seus leitores sugerem, por exemplo, que há analogias entre a abordagem de Wittgenstein ao tema do místico e a prática Zen de agir com “a mente vazia”. Estes conceitos estão uns após os outros numa série, cada um equivalente ao outro)¹⁶. Daí a interrogante: mas para que são usadas essas palavras? Falta o “jogo de linguagem” no qual devem ser empregadas. A partir daqui faremos ainda indicações metodológicas.

Ora, no *pensamento*, sua essência, a lógica representa uma ordem, e na verdade a ordem a priori do mundo, isto é, a ordem de possibilidades que deve ser comum ao mundo e ao pensamento. Esta ordem, porém, ao que parece, deve ser altamente simples, no sentido de que o emprego das palavras “linguagem”, “experiência”, “mundo”, se têm emprego, devem ser tão humilde

quanto as palavras “mesa”, “lâmpada”, “porta”. Na *praxis* do uso da linguagem depreende-se que, do enunciado das palavras “receptor”, digamos assim, age de acordo com elas. No processo de aprendizagem o receptor nomeia os objetos. Mas também podemos imaginar que todo o processo de uso das palavras é um daqueles jogos por meio dos quais aprende-se uma língua, por exemplo, a materna. Esses jogos como também o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada, Wittgenstein denomina “jogos de linguagem”.

Para o autor, os claros e simples *jogos de linguagem* não são estudos preparatórios para uma futura regulamentação da linguagem, mas, “figuram muito mais como objetos de comparação que, através de semelhanças e dessemelhanças, devem lançar luz sobre as relações de nossa linguagem”¹⁷.

Ipsa facto é que existe uma relação entre *nome* e *denominado*. Esta relação pode, entre muitas outras coisas, também consistir no fato de que ouvir um nome evocamos a imagem do denominado, e consiste também no fato de que o nome está escrito sobre o denominado, ou em que o nome é pronunciado ao se apontar para o denominado.

“Mas o que denomina, por exemplo, a palavra ‘este’, no jogo de linguagem, ou a palavra ‘isto’ na elucidação ostensiva ‘isto se chama...?’ Se se quiser evitar confusão, é melhor não dizer que essas palavras denominam algo. E, estranhamente, já foi dito que a palavra ‘este’ é o nome específico. Tudo que chamamos sem mais de ‘nome’ é dito apenas num sentido inexato, aproximativo(...) Esta rara concepção provém de uma tendência para sublimar a lógica de nossa linguagem - poder-se-ia dizer. A verdadeira resposta a isto é: chamamos de ‘nome’ coisas muito diferentes; a palavra ‘nome’ caracteriza muitas espécies diferentes de uso de uma palavra, aparentadas umas com as outras de modos diferentes; - mas entre essas espécies de uso não está o da palavra ‘este’” (Wittgenstein, 1979: 25-26; 1987:202).

16 Cf. Hans-Johann Glock, *Dicionário Wittgenstein*. Ob. cit., pp. 39-383, passim.

17 Ludwig Wittgenstein, *Investigações Filosóficas*. Ob. cit., p. 57; Ludiwig Wittgenstein, *Tratado Lógico-Filosófico/Investigações Filosóficas*. Ob. cit., 264.

Os jogos de linguagem de Wittgenstein possuem os seus próprios métodos de justificação, a sua peculiar verdade ou falsidade e os seus termos peculiares. Palavras têm sentido e podem ser usadas apenas como parte de um jogo de linguagem. Em suas palavras, “para uma compreensão por meio da linguagem, é preciso não apenas um acordo sobre as definições, mas (por estranho que pareça) um acordo sobre os juízos”.

Da mesma forma, há diferentes possibilidades no jogo de linguagem, em diferentes casos, para os quais diríamos que um signo denomina, no jogo, um quadrado desta ou daquela cor. Se para identificarmos o que está sendo nomeado de tal cor nos servimos de um modelo ou de uma tabela, enquanto expressão de uma regra do jogo de linguagem, então pode-se dizer que papéis muito diferentes no jogo pode caber aquilo que chamamos de regra de um jogo de linguagem.

Neste sentido,

“a regra pode ser um auxílio no ensino do jogo. É comunicada aquele que aprende e sua aplicação é exercitada. Ou é uma ferramenta do próprio jogo. Ou: uma regra não encontra emprego nem no ensino nem no próprio jogo, nem está indicada num catálogo das regras. Aprende-se o jogo observando como os outros jogam. Mas dizemos que se joga segundo esta ou aquela regra, porque um observador pode ler essas regras na praxis do jogo, como uma lei natural que as jogadas seguem. - Mas como observador distingue, nesse caso, entre um erro de quem joga e uma jogada certa? Há para isso indícios no comportamento dos jogadores. Pense no comportamento característico daquele que corrige um lapso. Seria possível reconhecer que alguém faça isso, mesmo que não compreendamos sua linguagem”(...) ‘O que os nomes da linguagem designam deve ser indestrutível: pois deve-se poder descrever o estado no qual tudo que é destrutível está destruído. E haverá palavras nessa descrição; e o que a elas corresponde não

deve então estar destruído, senão as palavras não teriam significado’. Não devo cortar o galho no qual estou sentado” (Wittgenstein, 1979:34; 1987:218).

O fato fundamental para o autor é que quando fixamos regras, as coisas não se passam como havíamos suposto. Que portanto nos aprisionamos, por assim dizer, em nossas próprias regras. Este aprisionamento é o que queremos compreender, isto é, aquilo de que queremos ter uma “visão panorâmica”, no sentido de que uma fonte principal de nossa incompreensão é que não temos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. - A representação panorâmica permite a compreensão, que consiste justamente em “ver as conexões”. Daí a importância de encontrar e inventar *articulações intermediárias*.

Para Wittgenstein temos um conceito daquilo que é uma proposição tanto quanto um conceito que entendemos por “jogo”. Se interrogado sobre o que é uma proposição daremos exemplos e, entre esses, também aquilo que se poderia chamar séries indutivas de proposições; deste modo, temos um conceito de *proposição*¹⁸. Os pensamentos não são entidades mentais ou abstratas, mas sim proposições, sentenças que foram projetadas sobre a realidade, podendo, portanto, ser completamente expressas na linguagem. A filosofia traça, certamente, limites para o pensamento, estabelecendo os limites da expressão lingüística do pensamento; delinea as regras que subjazem à representação simbólica. Tais regras explicam também a natureza da lógica.

A indicação da proposição “isto está assim” como forma geral da proposição é idêntica à explicação: *uma proposição é tudo que pode ser verdadeiro ou falso*. Pois, em vez de “isto está...”, teria podido dizer: “isto e aquilo é verdadeiro”. (Mas também: “isto e aquilo é falso). Mas temos

‘p’ é verdadeiro = p

‘p’ é falso = não-p

E dizer que uma proposição é tudo aquilo que possa ser verdadeiro ou falso leva a dizer: chamamos de uma proposição aquilo a que aplicamos o cálculo das funções de verdade *em nossa linguagem*.

18 “O termo alemão Satz significa tanto ‘sentença’ quanto ‘proposição’, tendo sido utilizado de diversas maneiras, para indicar o que as sentenças expressam, os portadores de valores verdadeiro e falso e os objetos e atitudes proposicionais. Todos os predecessores imediatos de Wittgenstein repudiaram a idéia, adotada no idealismo e na lógica psicologista, de que os juízos são operações que incidem sobre idéias(...) A abordagem de Wittgenstein tem o mérito de iluminar os papéis mais importantes que as proposições desempenham em nossas atividades lingüísticas. Hans-Johann Glock, *Dicionário Wittgenstein*. Ob. cit., p. 287; 291, passim.

“Parece, então, que a elucidação - proposição é aquilo que pode ser verdadeiro ou falso - determina o que é uma proposição, na medida em que digo: o que se ajusta ao conceito ‘verdadeiro’, ou, aquilo a que o conceito ‘verdadeiro’ se ajusta, isto é uma proposição. É como se tivéssemos um conceito de verdadeiro e falso, com o auxílio dos quais podemos determinar o que é uma proposição e o que não é. O que se engrena no conceito de verdade (como numa roda dentada) é uma proposição” (Wittgenstein, 1979:59; 1987: 267).

Admitimos assim, que os jogos de linguagem de Wittgenstein possuem métodos próprios de justificação. Concordamos que as palavras têm sentido e podem ser usadas apenas como parte de um jogo de linguagem. Dessa forma o que fica claro é que as categorias língua, como os imperativos, os comandos, e assim por diante, são diferentes em jogos de linguagem diversos. Um comando aceitável, por exemplo, em determinado jogo de linguagem, pode ser uma palavra ou um enunciado elíptico inaceitável em outra linguagem. O jogo de linguagem determina categoria e significado de uma palavra, sendo que, se esse contexto for ignorado, os erros tendem a se manifestar.

Para ele os múltiplos aspectos da linguagem não podem ser organizados para compor uma teoria no sentido estrito do termo, todavia uma teoria geral pode ser vislumbrada em seus últimos escritos ainda que enformada de observações e intuições acerca da linguagem. Ainda que não tenhamos explorado nesse pequeno texto introdutório a exemplificação wittgensteiniana do jogo de xadrez, inferimos deste exemplo, no sentido pragmático (ainda que detestemos utilizar esta expressão), como a analogia possível para a explicação de suas concepções. Isto porque neste jogo não se interroga o “por que” no sentido *filosófico* como é possível depreender na acepção desenvolvida pelo autor no uso ou prática da *palavra*. O exame que Wittgenstein faz da compreensão sugere que quando denominamos apenas um emprego da palavra, apenas começamos a compreendê-la, o que não é ainda o bastante para a arte de escrever.

3 - O Modelo Wittgenstein da Linguagem Ordinária.

“Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico ao seu emprego cotidiano”.

Ludwig Wittgenstein, 1945.

A obra de Wittgenstein teve recentemente uma abordagem inédita e provavelmente *única* a partir de Michel de Certeau. Antes a advertência: “para descrever essas práticas cotidianas que produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo, impunha-se um ponto de partida por ser o foco exorbitado da cultura contemporânea e de seu consumo: a *leitura*”. Isto porque, da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar. É de fato, uma epopéia do olho e da pulsão de ler. A economia, fomenta uma hipertrofia da leitura. O binômio produção- consumo poderia ser substituído por seu equivalente geral: *escritura-leitura*. Aliás, a leitura da imagem ou do texto parece constituir o ponto máximo da passividade que caracterizaria o consumidor, constituído em *voyeur* em uma “sociedade do espetáculo”.

Ele foi o primeiro, salvo engano, do ponto de vista da análise da *vida cotidiana*. A novidade está em que na perspectiva em que se colocou ela pode ser considerada uma crítica radical do *perito*, mas, que tem como corolário, uma crítica do *filósofo* como perito. Este retorno, tem o caráter paradoxal de ser também um exílio em relação às disciplinas cujo rigor se mede pela estrita definição de seus limites. À cientificidade se atribuiu lugares próprios e apropriáveis por projetos racionais desde que ela se fundou como uma pluralidade de campos limitados e distintos, em suma, a ciência constituiu o todo como o seu resto, e este resto se tornou o que agora denominamos a *cultura*. Assim, cabe a ambos, o perito e o filósofo, a tarefa de mediadores entre um saber e a sociedade, o primeiro enquanto introduz a sua especificidade na área mais vasta e complexa de decisões sócio-políticas, o segundo enquanto reinstaura, relativamente a uma técnica particular (matemática, lógica, psiquiatria, história etc.) a pertinência de

interrogações gerais. No perito, uma competência se transmuda em autoridade social; no filósofo, as questões banais se tornam um princípio de suspeita num terreno técnico.

O perito prolifera nesta sociedade, a ponto de se tornar a sua figura generalizada, tensionada entre a exigência de uma crescente especialização e a de uma comunicação tanto mais necessária. Sem dúvida, cada vez mais, cada especialista deve ser *também* um perito, ou seja, intérprete e o tradutor de sua competência para outro campo. E como é que conseguem passar de sua técnica - a língua dominada e reguladora - para a língua, mais comum, de outra situação? Mediante curiosa operação, que “converte”, segundo Certeau, a competência em autoridade. No limite, quanto maior a autoridade do perito, menor a sua competência, até o ponto em que seu fundo se esgota, como a energia necessária para o lançamento de um projétil. Durante o tempo desta conversão, não fica sem competência, mas abandona aquela que possui à medida que a sua autoridade se estende para mais longe, exorbitada pela demanda social e mesmo por responsabilidades políticas. Daí o paradoxo da autoridade, talvez, toda autoridade: *ganha o reconhecimento precisamente por um saber que lhe falta no terreno onde se exerce*. É indissociável de um “abuso de saber” - onde talvez seja mister reconhecer o efeito da lei social que desapropria o indivíduo de sua competência em vista de instaurar ou restaurar o capital de uma competência em vista coletiva, isto é, de um provável comum. Não podendo ater-se ao que *sabe*, o perito se pronuncia em nome do *lugar* que sua especialidade lhe valeu. Assim ele se inscreve e é inscrito numa ordem *comum* onde a especialização tem valor de iniciação enquanto *regra* e *prática* hierarquizante da economia produtivista. Fala então como homem ordinário, que pode receber “autoridade” com o saber. Ele continua crendo ou dando a crer que age como cientista confundindo o *lugar* social e o *discurso* técnico. Toma um pelo outro: ocorre um *quid pro quo*. Desconhece a ordem que representa. Não sabe mais o que diz. Reconhecido como científico, “seu discurso não passava de linguagem ordinária dos jogos táticos entre poderes econômicos e autoridades simbólicas”¹⁹.

Para Certeau, enquanto diz respeito à linguagem, a questão filosófica consistiria sobretudo em interrogar, em nossas sociedades técnicas, a grande partilha entre as discursividades reguladoras da especialização e as narrativas do intercâmbio massificado. Independentemente das análises que reduziriam umas e outras ao índice comum de *práticas* lingüísticas, ou das pesquisas que põem em evidência ou a insinuação de crenças, da probabilidade, das metáforas, isto é, do “comum” no discurso científico, ou as lógicas complexas implícitas na linguagem ordinária é possível recorrer também a uma filosofia que forneça um “modelo” e que efetue um exame rigoroso da linguagem ordinária: a de Wittgenstein.

“Quando os filósofos usam uma palavra - ‘saber’, ‘ser’, ‘objecto’, ‘eu’, ‘proposição’, ‘nome’, - e procuram captar a essência da coisa, devemos-nos sempre perguntar: na linguagem onde vive, esta palavra é de facto sempre assim usada? (...) Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico ao seu emprego quotidiano” (Wittgenstein, 1987:259; 1979:55).

Se Wittgenstein pretende “trazer a linguagem do seu uso filosófico de volta ao seu uso ordinário”, ao *everyday use*, ele se proíbe, ou proíbe ao filósofo toda extrapolação metafísica para fora do que o falar *possa* dizer, como vemos desde o *Tractatus*,

“O método correcto da Filosofia seria o seguinte: só dizer o que pode ser dito, i.e., as proposições das ciências naturais - e portanto sem nada que ver com a Filosofia - e depois, quando alguém quisesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que nas suas proposições existem sinais aos quais não foram dados uma denotação. A esta pessoa o método pareceria ser frustrante - uma vez que não sentiria que lhe estávamos a ensinar Filosofia - mas este seria o único método estritamente correcto” (Wittgenstein, 1987:142; 1979).

19 Michel de Certeau Ob. cit., pp. 48-49; 64-66, passim.

O Modelo Wittgenstein de Verdade Apodítica: Linguagem Ideal “versus” Linguagem Ordinária?

Fixou para si como tarefa ser o cientista da atividade significativa na linguagem comum. Qualquer outra coisa só é levada em conta como linguagem por analogia ou comparação com o “aparelho de nossa linguagem ordinária”. Mas trata-se de abordá-la de maneira a não afirmar nada que extrapole a competência desta linguagem e, portanto, a jamais tornar-se o perito nela, ou o intérprete, em outro campos lingüístico, (por exemplo, metafísico ou ético), a nunca falar *noutro lugar* “em seu nome”, o que fez Certeau referir a ele como “Hércules, faxineiro das estrebarias de Áugias da intelectualidade contemporânea”. Deve assim tornar-se impossível a conversão da competência em autoridade, como vemos a seguir:

“Eu quero dizer o seguinte: aquilo a que chamamos ‘linguagem’ é antes de tudo o aparelho da nossa linguagem habitual, da nossa linguagem verbal; e a seguir, então, outras coisas, mas a partir da analogia ou da possibilidade de comparação com aquela”
(Wittgenstein, 1987:432).

Enfim, Wittgenstein muda o *lugar* de análise, definida agora por uma universalidade que é identicamente uma obediência ao uso ordinário. Essa mudança de lugar modifica o estatuto do discurso. Vendo-se “preso” na linguagem ordinária, o filósofo não possui mais lugar próprio ou apropriável. É-lhe retirada toda posição de domínio. O discurso analisador e o “objeto” analisado têm o mesmo estatuto, o de se organizar pelo trabalho de que dão testemunho, determinados por regras que não fundam nem superam, igualmente disseminadas em funcionamentos diferenciados, inscritos em uma textura onde cada fragmento pode cada vez “apelar” a uma outra instância. Dá-se uma permanente troca de lugares distintos. O privilégio filosófico ou científico se perde no ordinário. Essa perda tem como corolário a invalidação das *verdades*. Mostrando que são uma mistura de *nonsense* e de poder, Wittgenstein se esforça por reduzir essas verdades a fatos lingüísticos e àquilo que, *nestes* fatos, remete a uma indizível ou “mística” exterioridade da linguagem²⁰.

Concluimos com Certeau, afirmando que por essas características essa obra disseminada e rigorosa parece oferecer uma épura filosófica a uma ciência contemporânea do ordinário. Sem entrar nos pormenores de sua tese, ao menos por ora, deve-se confrontar este modelo, tomado como hipótese teórica no campo da comunicação, do poder e da linguagem, com as contribuições positivas de ciências humanas (sociologia, etnologia, história...) ao conhecimento da cultura ordinária.

Bibliografia Consultada:

- ARENHT, Hannah, *Eichmann em Jerusalém. Um Relato sobre a Banalidade do Mal*. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.
- CERTEAU, Michel, *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: 1994.
- GADAMER, Hans-Georg, *Verdade e Método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 2ª ed. Petrópolis, RJ, 1998.
- GLOCK, Hans-Johann, *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998.
- HALLER, Rudolf, “A Ética no Pensamento de Wittgenstein” In: *Revista Estudos Avançados*. São Paulo/USP, janeiro/abril. Volume 5 - número 11, 1991.
- HARTNACK, Justus, *Wittgenstein y la Filosofía Contemporánea*. Barcelona: Editorial Ariel, 1977.
- KANT, Immanuel, *Textos Seleccionados (I-II)*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).
- MORENO, Arley R., *Wittgenstein, ensaio introdutório*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, s.d.
- RORTY, Richard, *Objetivismo, relativismo e verdade*. Escritos filosóficos. Vol. 1. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- _____, *A filosofia e o espelho da natureza*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- SCHLICK, Moritz/CARNAP, Rudolf, *Coletânea de Textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).
- SCHORSKE, Carl E., *Viena-fim-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

20 Michel de Certeau, Ob. cit., pp. 68-71, passim

- THIOLLENT, Michel, “Técnica, Linguagem e Formas de Vida”. Pesquisa Cognitiva e Engenharia de Conhecimento. Rio de Janeiro: Pesquisa CNPq/PADCT/COPPE/UFRJ, 1984;
- _____, “Notas sobre Wittgenstein e a Sociologia Contemporânea”. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 1987.
- XENAKIS, Françoise, *Ih, esqueceram Mme. Freud*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tratado Lógico-Filosófico/ Investigações Filosóficas*. Trad. (inglês) e prefácio M. S. Lourenço; Introdução de Tiago de Oliveira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, *Investigações Filosóficas*. 2ª edição. Tradução (alemão) de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

